



# Toni Wolff e a construção da psicologia complexa: a ausência de uma referência

Pedro Henrique Alberton PERÚSOLO

Consultório particular. Curitiba, PR, Brasil.

## Resumo

Este artigo teve por objetivo realizar uma justa reparação histórica ao restituir o lugar de protagonismo que foi negado a Toni Wolff (1888–1953) na construção da psicologia complexa. Para tanto, nos valem de textos aclamados na historiografia do pensamento junguiano, como “Jung e a construção da psicologia moderna” e os textos escritos pela própria Wolff. Neste trabalho, utilizou-se, sobretudo, seu texto intitulado “Fundamentos da psicologia complexa”, jamais publicado em português e que consta da coletânea de artigos “*Die Kulturelle Bedeutung der Komplexe Psychologie*”, realizada em comemoração aos 60 anos de C. G. Jung e editada em 1935 pela Springer-Verlag. Se há algo que o método da psicologia faz é organizar o pensamento junguiano, tarefa que Jung não tinha nem disposição nem atitude para fazer. Portanto, a resposta provisória ao subtítulo retórico desse momento é a seguinte: não há como não ser psicologia complexa, se a letra junguiana for pensada com o rigor e a historicidade devida. Vale reafirmar, esse elo histórico-metodológico deve-se a uma grande pensadora, psicoterapeuta e mulher: Toni Wolff.

## Descritores

psicoterapia analítica, historiografia, Jung, Carl Gustav, 1875-1961.

### Conflito de interesses:

O autor declara não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.



Recebido: 16 abr 2024; 1ª revisão: 26 jul 2024; Aprovado: 30 ago 2024; Aprovado para publicação: 23 set 2024.

## Toni Wolff and the Construction of Complex Psychology: The Absence of a Reference

---

### Abstract

This article aimed to make a fair historical reparation by restoring the prominent role that was denied to Toni Wolff (1888-1953) in the development of Complex Psychology. To achieve this, we drew upon acclaimed texts in the historiography of Jungian thought, such as “Jung and the Construction of Modern Psychology”, as well as writings by Toni Wolff herself. In this article, we primarily used her text titled “Fundamentals of Complex Psychology” (1935), which has never been published in Portuguese and appears in a collection of articles celebrating the 60th anniversary of C. G. Jung, titled “*Die Kulturelle Bedeutung der Komplexe Psychologie*”, edited in 1935 by Springer-Verlag. If there is one thing that the method of Psychology does, it is to organize Jungian thought, a task that Jung himself neither had the disposition nor the attitude to undertake. Therefore, the provisional answer to the rhetorical subtitle at this moment is as follows: there is no way to avoid being Complex Psychology if Jungian concepts are considered with the necessary rigor and historicity. It is important to reaffirm that this historical-methodological link is due to a great thinker, psychotherapist, and woman: Toni Wolff.

### Descriptors

analytical psychotherapy, historiography, Jung, Carl Gustav, 1875-1961.

## Toni Wolff y la construcción de la psicología compleja: la ausencia de una referencia

---

### Resumen

El objetivo de este artículo fue realizar una reparación histórica justa, al devolver el lugar de protagonismo, negado a Toni Wolff (1888–1953), en la construcción de la psicología compleja. Para eso nos basamos en textos aclamados de la historiografía del pensamiento Junguiano, como “Jung y la construcción de la psicología moderna” y los textos que la propia Wolff escribió. En este trabajo utilizamos especialmente su texto titulado “Fundamentos de la psicología compleja”, nunca publicado en portugués y que consta en la compilación de “*Die Kulturelle Bedeutung der Komplexe Psychologie*”, realizada para conmemorar los

60 años de C. G. Jung y editada en 1935 por la Springer-Verlag. Si hay algo que logra el método de la psicología es organizar el pensamiento Junguiano, que Jung no tenía ni la disposición ni la actitud para hacer. Por eso, la respuesta provisoria al subtítulo retórico de este momento es la siguiente: no hay manera de que no sea psicología compleja, si la letra Junguiana fuera pensada con el rigor y la historicidad que corresponde. Se puede reafirmar, que le debemos este enlace histórico-metodológico a esa gran pensadora, psicoterapeuta y mujer: Toni Wolff.

### **Descriptorios**

psicoterapia analítica, historiografía, Jung, Carl Gustav, 1875-1961.

## **A peça faltante no quebra-cabeças**

**A obra de um autor enciclopédico**, como é o caso de C. G. Jung, que escreveu durante 65 anos – desde sua primeira conferência no Fraternidade Zofingia, em 1896, até as últimas cartas redigidas em 1961, ano de sua morte – é um organismo vivo, que se transforma ao longo do tempo. Com isso, incumbe-nos sermos justos e honestos com o contemporâneo e mergulharmos nossas mãos nas trevas do tempo presente para que respondamos aos intentos teóricos da psicologia complexa de modo atual. O corolário que nos guiou em nosso percurso foi o seguinte: Toni Wolff é a peça faltante no quebra-cabeças da psicologia complexa.

Riccardo Bernardini, em seu livro seminal *“Jung a Eranos: il progetto della psicologia complessa”* (2011), lembra-nos que o termo “psicologia complexa” foi cunhado por Toni Wolff. Essa mudança terminológica deu-se sobretudo para separar a prática analítica da construção teórica realizada pela psicologia junguiana e para restituir a esse campo do saber sua práxis – a saber, a práxis é a união indissociável entre prática e teoria, que mantém sua tensão antinômica sem cancelar nenhuma das partes existentes nesse jogo de forças.

Vejamos como a própria Wolff (1935) sintetiza a ideia apresentada:

Faz-se necessário explicar aqui como o termo “psicologia complexa” aplica-se à psicologia analítica, denominação que até agora tem sido usada com mais frequência. O termo “psicologia analítica” foi criado por Jung e a escola de Zurique fundou essa abordagem, quando se separou da psicanálise freudiana em 1913, de cuja associação internacional Jung já havia feito parte. Desde então, a “psicologia analítica” é entendida como significando a psicologia junguiana em termos gerais. “Analítica” porque sua visão psicológica geral, isto é, o envolvimento do inconsciente, pressupõe um contraste com a psicologia dos processos conscientes, mas a psicologia analítica contrasta com a psicanálise, uma vez que esta última não analisa a alma. Nos últimos tempos, Jung tem usado principalmente o termo

"psicologia complexa", especialmente quando fala de toda a área de sua psicologia do ponto de vista teórico. O termo "psicologia analítica", por outro lado, está em vigor quando se fala do procedimento prático da análise psicológica. Não é sem importância manter os dois termos separados, fato que também justifica as explicações metodológicas e teóricas acima que utilizam o termo "psicologia complexa" ao se referir aos conhecimentos gerais e, portanto, também englobam a noção de "psicologia analítica" usada neste livro. (. . .) O reconhecimento psicológico é uma categoria em si. É um julgamento sintético e tem o conhecimento do método e da estrutura da psicologia complexa, bem como a autocrítica psicológica do reconhecimento. A aplicação do julgamento psicológico consiste na avaliação de contextos e na demonstração de seu significado psicológico. O reconhecimento psicológico é, simultaneamente, crítico e construtivo. A crítica psicológica, por exemplo, elucida os motivos do inconsciente individual, a subjetividade dos processos projetivos e a base arquetípica das reações pessoais específicas. Ela também transmite o conhecimento da atitude, bem como do tipo funcional e seu problema, a distinção entre pessoal e impessoal, ou seja, o que concerne a um conteúdo psicológico subjetivo ou objetivo (Wolff, 1935, pp. 6-7, tradução nossa, ênfases do original).

Fica premente no trecho citado a imensa capacidade de síntese e clareza que Toni Wolff era capaz de condensar em seus escritos. Se essa autora é tão importante, surgem algumas perguntas que tentamos provisoriamente responder: por que essa personagem é relegada ao lugar subalterno de ter sido amante de Jung e não uma pensadora com imenso estofo teórico? Aqui valem duas curiosidades: nas "Obras Coletadas", de Jung, ela é citada apenas oito vezes (Forryan e Glover, 1979), além disso, ela é muito pouco citada por alguns dos historiadores mais renomados da psicologia junguiana, como no livro de Shamdasani (2003/2006). Isso nos leva à segunda pergunta deste artigo: por que não psicologia complexa?

## **Apenas amante**

De acordo com Shamdasani (2020), a relação desenvolvida entre C. G. Jung e Toni Wolff começou em 1910, quando ela foi a Zurique após o falecimento de seu pai e iniciou um processo de análise com Jung. O processo durou alguns meses e foi interrompido pelo psiquiatra suíço quando ele percebeu que Wolff necessitava de uma nova orientação para a vida e de um lugar para colocar sua libido após o falecimento do pai. Vejamos como Jung descreveu a jovem Toni Wolff em carta a Sigmund Freud:

uma nova descoberta minha, Frl. Antonia Wolff, uma inteligência notável com excepcional agudeza filosófico-religiosa (McGuire, 1974/1993, p. 503).

De acordo com Parise (2024), um forte encontro transferencial erótico e intelectual deu-se entre Jung e Toni Wolff e, em meio a tal experiência vertiginosa, ele chamou a jovem Wolff para contribuir com as pesquisas de seu livro, que seria publicado em 1912, “Transformações e símbolos da libido: contribuições para a história do pensamento” (Jung, 1912). Esse foi o início de uma parceria que durou aproximadamente três décadas e que foi gradualmente interrompida por Jung, a partir do momento em que ele ganhou reconhecimento mundial, passou a fazer seu “confronto com o mundo” e interessou-se pelo estudo da alquimia (Shamdasani, 2020). Vejamos como a própria Wolff relatou seus sentimentos em seus diários:

O que C. alcançou agora, se baseia em mim. Através da minha fé, amor, compreensão e lealdade, eu o guardei e o trouxe à luz. Eu fui seu espelho, como ele me disse. Mas todo meu sentimento, fantasia, mente, energia, responsabilidade trabalhava para ele. Tenho um efeito, mas não tenho substância. Eu lhe dei a vida dele. Agora, ele devia dar-me a minha e ser um espelho para mim (Shamdasani, 2020, p. 96).

Ainda de acordo com Parise (2024), o trabalho de Toni Wolff é pouco lido e comentado no meio junguiano, uma vez que é considerada como uma figura menor, “apenas amante” de Jung. Talvez um dos exemplos mais claros desse sonoro apagamento histórico esteja nos agradecimentos realizados por Jung na quarta e última edição de seu livro “Símbolos da transformação (Jung, 1950/2018)”, em que ele diz:

Este livro foi escrito em 1911, quando eu contava 36 anos de idade. Esta é uma época crítica, pois representa o início da segunda metade da vida de um homem, quando não raro ocorre uma metanoia, uma retomada de posição na vida. Eu bem sabia, na ocasião, do inevitável rompimento com Freud, tanto no trabalho como na amizade. Recordo aqui com gratidão, o apoio prático e moral que recebi de minha querida esposa nesta época difícil (Jung, 1950/2018, p. 16).

Como pode um Jung tardio, aos 75 anos, não reconhecer os esforços de pesquisa empreendidos por Wolff naquela que seria a primeira de suas grandes obras teóricas? A pergunta permanece sem resposta até hoje, e insistem em lembrar desta autora que foi, durante mais de duas décadas, presidente do Clube Psicológico de Zurique (Shamdasani, 2003), uma exímia analista com uma capacidade espontânea para facilitar processos inconscientes (Chapernowne, 1980) e, sobretudo, uma das principais pensadoras e articuladoras teóricas da psicologia complexa, inclusive batizando esse campo do conhecimento

(Bernardini, 2011; Shamdasani, 2003/2006), de um modo unívoco, pobre e subalterno, ao se interessarem mais pelas fofocas do que pela obra escrita. Assim, ouvimos que Wolff foi a amante de Jung e ficamos satisfeitos.

## Uma breve digressão histórica sobre o nome “psicologia complexa”

A psicologia analítica deu seus primeiros passos no início do século XX por meio dos testes associativos e estudos experimentais realizados na clínica universitária do Hospital Burghölzli (Jung, 1907/2019) e das pesquisas sobre a demência precoce (Jung, 1908/2011). De acordo com Taylor (1998), já no início de suas formulações de origem clínica, Jung reputava suas raízes ao pensamento construtivista-pragmático de William James, ao dissociacionismo de Pierre Janet e à psicologia dos processos inconscientes e criativos de Théodore Flournoy.

Conforme a psicologia analítica foi se sedimentando como um campo de conhecimento sólido e com linhas múltiplas de pesquisa, houve a necessidade de elaborar uma terminologia que desse conta da teoria junguiana. Shamdasani (2003/2006, p. 27) sintetiza esse momento histórico do seguinte modo:

Embora inicialmente Jung tivesse usado a expressão “psicologia analítica” para designar sua psicologia, na década de 1930 ele a rebatizou de “psicologia complexa”, no volume comemorativo pelo sexagésimo aniversário de Jung, “O significado cultural da psicologia complexa”. Toni Wolff observou que, nos últimos tempos, ele passara a se referir a sua psicologia como psicologia complexa, especialmente ao abordá-la do ponto de vista teórico. Em contrapartida, ela comentou que a expressão “psicologia analítica” era apropriada quando aplicada aos métodos práticos da análise psicológica (1936, 7). Dessa forma, a mudança terminológica não era só estilística; assinalava também uma mudança de ênfase, da análise prática para a psicologia geral. Em 1954, Jung escreveu: “Psicologia complexa significa a psicologia das ‘complexidades’, ou seja, dos sistemas psíquicos complexos em contraposição a fatores relativamente elementares” Shamdasani (2003/2006, p. 27, ênfases do original).

O texto de Wolff (1935) supracitado é a obra teórica mais extensa e detalhada sobre a temática da psicologia complexa, que responderia à elaboração de uma psicologia dos sistemas complexos que deveria, por meio da antinomia complementar nutrida entre o método genérico e o individual, o primeiro pertencente às ciências da natureza e o segundo às ciências da cultura, abarcar os mais diversos campos a serem abordados pela psicologia.

Estamos inconscientes do fator subjetivo como uma realidade psíquica, porque a psicologia é jovem como ciência empírica e ainda

não começou a se destacar dos seus pais científicos, filosofia e ciência natural, ela tem apenas sua própria autonomia de operação em sua interioridade e, portanto, também desenvolveu seu método próprio. É por isso que somente podemos reconhecer a psique em sua própria atividade. Reconhecer significa: distinguir um objeto do outro, ou seja, delimitar o que ele é e o que não é, pois isso também o explica em sua interpretação e estrutura específicas. Somente o método específico adequado ao sujeito aborda sua natureza específica (. . .). A categoria crítica da integração psicológica, isto é, o método da psicologia complexa, é o instrumento e o meio pelo qual a alma somente pode ser reconhecida como um sistema autorregulador em si mesmo. O método fornece os princípios e pontos de vista para reconhecer e avaliar psicologicamente a realidade psíquica e mostrá-los por meio de sua própria atividade (Wolff, 1935, p. 9, p. 11, tradução nossa).

Um dos principais interlocutores diretos eleitos por Toni Wolff em seu texto sobre a psicologia complexa é Heinrich Rickert (1863–1936), filósofo alemão de formação kantiana, que pensava sobre os tensionamentos existentes entre as ciências naturais e às histórico-culturais. Sua obra "*Kulturwissenschaft und Naturwissenschaft*" (Rickert, 1899/1926) é das referências mais citadas no texto "Fundamentos da psicologia complexa" (Wolff, 1935), sendo que a autora remete a Rickert o "princípio heterológico", concepção que faz parte do cerne da psicologia complexa, sintetizado por Rickert da seguinte forma:

Entender até que ponto algo pode ser reconhecido diretamente. Um pensamento universal deve reconhecer o sujeito e o objeto, quer dizer, como diremos na terminologia usual, ambos fazem a matéria do conhecimento no sentido mais amplo da palavra, (. . .). A categoria de conhecimento avalia no sentido mais amplo dessa palavra, afirmando ou negando-a também, especialmente ao se deixar conhecer. Um assunto puramente formal de modo algum seria um assunto conhecido (Rickert, 1934, p. 12, tradução nossa).

O princípio heterológico de Rickert (1934), portanto, sintetiza um dos primeiros axiomas, a práxis psicoterapêutica e teórica do pensamento junguiano, a saber que "o individual não importa perante o genérico e o genérico não importa perante o individual" (Jung, 1935/2013, p. 17, para. 2).

## Por que não psicologia complexa?

A psicologia complexa é o modo mais acertado de se referir ao *corpus* de pensamento junguiano, uma vez que desvela o outro em si da psicologia analítica, restituindo seu caráter de interioridade. Se Jung, em vários momentos de sua obra, assume que não há um ponto arquimediano para se referir à psique (Jung, 1933/2014, p. 207, para. 384) e sendo ele um empirista (Jung, 1946/2013,

p. 57, para.75), há que se ter um sustentáculo teórico que suplante suas apostas heurísticas e hermenêuticas. Se a psicologia analítica é o conteúdo, a psicologia complexa é seu continente.

Um dos principais, se não o principal mérito da psicologia complexa, foi restituir o elo histórico com a psicologia analítica, uma vez que esta insere a proposta junguiana em um registro de pensamento, no qual ela precisa lidar com os paradoxos inerentes de qualquer ideia psicológica. Vejamos como Wolff (1935) discorre sobre as ideias apresentadas acima:

Os eventos históricos, especialmente aqueles da segunda década do nosso século, como o advento das nações cristãs que professavam a religião do amor, desencadearam o ultraje de todas as guerras. Desde então a fé iluminista no absolutismo humano fracassou e, hoje, um é influenciado pelo outro consciente e inconscientemente, seja pela valorização das ciências naturais e socioeconômicas ou, na sua contraparte, seja por meio dos cantos radicais da ideologia que, a saber, são dinamizados pelos instintos. Além de Nietzsche, alguém que não é psicólogo alguma vez já considerou que a humanidade geralmente tem na religião ou na convicção ideológica algo que exige uma atitude consciente, desde que não seja uma reação ressentida? Por esse motivo, uma religião ou visão de mundo não pode ser pensada como uma interpretação, pois assim, seria mera ideologia e, uma vez excluída do inconsciente, estaria sujeita apenas a uma racionalização dogmática. Consequentemente, também temos que aplicar essa questão à psicologia que, pela primeira vez na história intelectual ocidental, considera a autonomia e a realidade da psique como um princípio científico. A resposta para isso é fácil de ver: a atividade autônoma do psíquico, possível de se penetrar apenas em nossos casos apropriados. A autossuficiência da consciência, defendida por um lado, e as condições biológicas e sociológicas, defendida por outro lado, são a tese e a antítese de uma antinomia que tensiona a cultura e rasga o indivíduo. Um dos fatos psicológicos essenciais é que um conflito nunca pode ser resolvido por meio da mera identificação, nem com a tese nem com a antítese, porque o conflito não é sanado, mas apenas suprimido. A solução para a dissociação não se deve à supressão dos opostos, mas à produção de uma estrutura nova que conjuga ambos os lados do fenômeno, um funcionamento intermediário no qual os opostos podem se unir e isso é compensatório. A psique em sua complexidade composta de aspectos opostos é a base da experiência psíquica, que suspende tal cisão dos princípios antinômicos em uma zona intermediária. Ao incluir o domínio psicológico, nem o princípio racional nem o instintivo dão conta da explicação, sendo necessário um terceiro autônomo e indivisível, que surge de um novo centro de consciência do qual os opostos tornam-se relativos (Wolff, 1935, p. 20, tradução nossa).

Fica então nítido que o esforço de pensamento proposto pela psicologia complexa opera uma dupla torção no pensamento junguiano, fazendo com que a teoria fique suspensa adiante da empiria e vice-versa. Não há como pensar psicologicamente, levando em conta apenas o método genérico das ciências naturais, nem apenas com o método singular proposto pelas ciências da cultura.

Uma vez que o objeto de preocupação da psicologia deve ser a psique e esta é um conceito limítrofe negativo, isto é, não é capaz de ser transformado em *res extensa* e nem pode ser compreendido somente como *res cogitans*, cabe a nós partir desse lugar que não possui topologia externa. Se não há topologia externa, apenas um método complexo pode dar conta de algo que, via de regra, não é um ente existente, mas que opera por meio da tensão energética. Não é por acaso que Jung (1928/2013) refere-se ao seu texto “Energia psíquica” como um dos fundamentais no que concerne à edificação epistemológica de sua obra.

Wolff (1935, p. 124) conta-nos que a noção de energia psíquica é fundamental ao método da psicologia complexa:

O conceito psicológico de energia é o correlato necessário às concepções da psicologia complexa sobre a estrutura psíquica. O ponto de vista energético coloca os fenômenos psíquicos individuais em relação funcional uns com os outros. Ele considera, portanto, o significado do conteúdo dos fenômenos psíquicos, tendo como foco principal as relações dinâmicas em que os psiquismos estão envolvidos: as manifestações sucessivas, ao longo do tempo, condicionam-se mutuamente quando são pensadas como expressões de um fator dinâmico subjacente. Além disso, quando um fenômeno desaparece e outro surge, essas mudanças também são apenas manifestações diferentes de um e mesmo processo dinâmico; é a mesma "energia" que deixa uma forma de aplicação e ativa a nova. Em terceiro lugar, processos que ocorrem simultaneamente, mas que são de natureza diferente, também estão em relação dinâmica uns com os outros. E, finalmente, para que um processo dinâmico se realize, devem estar presentes condições desiguais. A energética é, por um lado, uma premissa metodológica da psicologia complexa, mas também pode ser considerada, com igual justificativa, como um substrato estrutural da psique. Que a estrutura da psique tem um caráter inerentemente dinâmico deve ter ficado claro a partir das exposições anteriores. No entanto, que esses dinamismos estão em relações muito específicas entre si somente torna-se evidente a partir da sequência psicológica dos fenômenos individuais – desde que a totalidade da psique seja a base da visão. De acordo com essa premissa, o significado do conteúdo dos fenômenos psíquicos apenas pode ser avaliado de forma totalmente adequada ao se incluir o ponto de vista energético (Wolff, 1935, p. 124, tradução nossa).

Portanto, se há algo que o método da psicologia faz é organizar o pensamento junguiano, tarefa que Jung não tinha nem disposição nem atitude para fazer. Portanto, a resposta provisória ao subtítulo retórico desse momento é a seguinte: não há como não ser psicologia complexa se a letra junguiana for pensada com o rigor e a historicidade devida. Vale reafirmar que esse elo histórico-metodológico deve-se a uma grande pensadora, psicoterapeuta e mulher: Toni Wolff. Lembremos, ela foi muitas coisas para além de um dos amores da vida de Jung, grande pensador, mas que não a reconheceu com o carinho e o protagonismo devido.

## Um convite à leitura

Se começamos falando da falta de uma peça fundamental no quebra-cabeças da psicologia complexa, fechamos com o arrojado aforismo: à obra de Toni Wolff nada falta. Resta-nos ter a humildade, curiosidade e o silêncio reverencial para adentrar os densos mares de seu pensamento psicológico, abrindo o espaço que ela merece.

Terminamos dando a palavra quem que lhe foi privada (Wolff, 1935):

O conhecimento da realidade psíquica leva o ser humano, de maneira honesta, a tirar as consequências éticas e perceptivas e assim ele se depara com seu próprio oposto e com um conflito insolúvel, em que todo movimento está estagnado, onde ele está crucificado entre seu próprio sim e não, entre seu ego e o *Self* – e ainda assim é o único caminho pelo qual a vida é plenamente vivida e a individualidade é realizada. Desse modo, a questão sobre qual função a psicologia complexa cumpre no problema cultural do indivíduo pode ser respondida? A questão, na verdade, não deve ser respondida de fora, mas apenas de dentro, ou seja, pelas pessoas que são confrontadas com o problema da experiência da realidade psíquica e tentam resolvê-lo pelo conhecimento. No entanto, mesmo elas não são completamente decisivas, pois uma atitude conserva-se apenas no desenvolvimento da vida e deve também ser válida para a morte. Além disso, quando consideramos a cultura como um todo e principalmente a problemática de nossa cultura – qual a importância de indivíduos comuns e até mesmo de pessoas que podem ter abordado seu problema cultural específico de maneira mais ou menos sensata? Portanto, talvez a questão não possa ser respondida de forma principiológica. A realidade e o futuro devem mostrar se e até que ponto é necessário ou importante que indivíduos assumam honestamente e de forma responsável a tarefa que lhes é colocada por sua estrutura psíquica particular com a experiência e o conhecimento da realidade psíquica (Wolff, 1935, pp. 167-168, tradução nossa).

Por fim, almejamos que o conhecimento da realidade psíquica esteja a serviço de dar voz e espaço de existência a todas as formas de vida que foram privadas disso. O resto é silêncio.

## Referências

- Bernardini, R. (2011). *Jung a Eranos: il progetto della psicologia complessa*. Milano.
- Chapernowne, I. (1980). *A memoir of Toni Wolff*. San Francisco.
- McGuire, W. (Org.). 1993. *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung* (2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1974).
- Forryan, B., & Glover, J. M. (Orgs.). (1979). *General index to the collected works of C. G. Jung* (Vol. 20). Princeton.
- Jung, C. G. (1912). *Wandlungen und symbole der libido: beiträge zur entwicklungsgeschichte des denkens*. F. Deuticke.
- Jung, C. G. (2018). *Símbolos da transformação* (OC, Vol. 5, 9a ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1950).
- Jung, C. G. (2013). *A prática da psicoterapia* (OC, Vol. 16/1, 16a ed.). Vozes. (Trabalho Publicado em 1935).
- Jung, C. G. (2014). *Arquétipos e o inconsciente coletivo* (OC, Vol. 9/1, 11a ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Jung, C. G. (2013). *Estudos alquímicos* (OC, Vol. 13, 4a ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1946).
- Jung, C. G. (2013). *Energia psíquica* (OC, Vol. 8/1, 14a ed.). Petrópolis: Vozes. (Texto original publicado em 1928).
- Parise, C. L. (2024). Quando meu paletó enlaça teu vestido: desafios da individualização da mulher e do amor de Toni Wolff e Jung aos tempos atuais. In C. L. Parise, G. Scandiucci, & G. Pessoa (Orgs.), *Escutando dissidências: perspectivas sobre gêneros e sexualidades para uma psicologia plural* (pp. 84-105). Sattva Editora.
- Rickert, H. (1926). *Kulturwissenschaft und naturwissenschaft*. J. C. B. Mohr. (Trabalho original publicado em 1899).
- Rickert, H. (1934) *Grundprobleme der philosophie: methodologie ontologie anthropologie*. J. C. B. Mohr.
- Shamdasani, S. (2003). *Cult fictions: CG Jung and the founding of analytical psychology*. Routledge.

- Shamdasani, S. (2006). Jung e a construção de uma psicologia moderna: o sonho de uma ciência. *Idéias e Letras*. (Trabalho original publicado em 2003).
- Shamdasani, S. (2020). Em busca de uma ciência visionária: os cadernos de transformação de Jung em *Livros Negros*. In C. G. Jung, *Os livros negros*. Vozes.
- Taylor, E. (1998). Jung before Freud, not Freud before Jung: the reception of Jung's work in american psychoanalytic circles between 1904 and 1909. *Journal of Analytical Psychology*, 43(1), 97-114.  
<https://doi.org/10.1111/1465-5922.00011>.
- Wolff, T. (1935). Einführung in die Grundlagen der Komplexen Psychologie. In *Psychologischer club, die kulturelle bedeutung der komplexen psychologie* (cap. 1- p. 1-51; cap. 4- 155-169). Springer-Verlag.

---

**Minicurrículo:** Pedro Henrique Alberton Perússolo - graduação em Psicologia pela Universidade Positivo. Psicólogo de orientação junguiana, pesquisa temas relacionados à história da psicologia analítica e à contemporaneidade. *E-mail:* pedrohaperussolo@gmail.com.